**Título: Um olhar sobre as manifestações do patrimônio edificado em Pirenópolis, imagem, memória e paisagem da cidade**

**Autor/a**: Gledson R. Nascimento, Doutorando - Universidade de Brasília.

**Mesa: 74 Saberes e práticas urbanísticas luso-brasileiras (1750-1930)**

**Resumo:**

Neste texto, relata-se parte de um processo investigativo, feito por meio de caminhadas pelo centro histórico da cidade Pirenópolis-GO, por onde podem ser encontradas manifestações arquitetônicas e particularidades urbanísticas do século XVIII, que atravessam também os séculos XIX e XX. Nesse sentido, é possível perceber que tais construções revelam transformações urbanas iniciadas sobre o que se classifica como “vernacular luso-brasileiro” em território goiano. Além disso, outros elementos contidos na arquitetura local, entendidos como o prenúncio da modernidade, que acionam a memória através do uso e da produção da imagem documental.

**Palavras-chave:** Manifestações arquitetônicas; Imagem documental; Patrimônio edificado.

Entre os trechos percorridos pelo centro histórico da cidade de Pirenópolis-GO, onde as ruas são consideradas eixos estruturantes da formação inicial do então Arraial de Meia Ponte[[1]](#footnote-1), há manifestações arquitetônicas e também particularidades urbanísticas conferidas ao século XVIII. Em tais percursos, as transformações ocorridas ao longo do século XIX permitem que sejam feitas leituras do passado, através do que se vê no presente, assim como ocorrido em outras cidades do território goiano, no mesmo período.

Dessa maneira, se faz presente na arquitetura da cidade, um processo vernacular de construção, ao observar os edifícios que atravessaram o período colonial brasileiro, com construções carregadas de rusticidade, tanto nos edifícios institucionais, como nos residenciais. Assim, tem sido identificado que os mesmos se amuralham (Reis Filho, 1983), pelas ruas irregulares do centro histórico, alinhados aos sentidos das ruas percorridas. No entanto, tem sido dessa maneira que tanto o arruamento irregular e medieval, quanto as construções, sobretudo residenciais, vão interligando largos, praças e edifícios religiosos, que podem ser conferidos em imagens como a que segue.

Figura 01 – Largo do Rosário, Igreja Nossa Senhora do Rosário.

Foto: Gledson Nascimento

Ano: 2021

Sendo assim, é pelo Largo do Rosário e a Igreja Nossa Senhora do Rosário que se iniciam as caminhadas exploratórias[[2]](#footnote-2), atento ao que se vê, onde se vivencia o caminhar como prática estética (Francesco Careri, 2013). Considerando o que se encontra pelas ruas da referida cidade, pode-se observar, na arquitetura, manifestações construtivas que narram processos de transformação, que originaram ainda no século XVIII. Incluindo nesse processo a observação de outras particularidades pertinentes à morfologia do lugar, tal como a “cuidadosa escolha da localização no sítio para a construção da cidade portuguesa” (Manuel Teixeira, 2012) classificada como um “componente vernáculo”.

“O componente vernáculo é aquele que traduz verdadeiramente a identidade de uma zona geográfica e de uma comunidade. Essa identidade, que está entranhada no território, nos modos de vida e nas tradições das pessoas, traduz-se na adoção de soluções urbanas idênticas, nas morfologias e no uso dos mesmos materiais construtivos” (Manuel Teixeira, 2012, pp.12).

Ao considerar as particularidades vernáculas de uma zona geográfica, bem como as soluções urbanas, morfológicas ou de materiais do território visitado, percebe-se um conjunto de informações que se assemelham aos elementos observados na composição da paisagem atual de alguns pontos em Pirenópolis. Em tal cidade, os edifícios distribuem-se entre um “urbanismo minerador” (Neiva Coelho, 2001), com a adoção de uma solução urbana, considerando as especificidades do lugar, sobretudo como parte de um patrimônio urbano dos países de língua portuguesa (Manuel Teixeira, 2012). Especialmente em um território “conhecido desde o século XVI", mesmo porque “de 1590 a 1674, diversas bandeiras já haviam percorrido o território goiano, vindas de São Paulo” considerando que outras expedições à partir de 1653 partiram de Belém pelo Amazonas alcançando o Tocantins e o Araguaia (Luis Palacin, 1994). Diante desse cenário de expansão, o território goiano passa a ser oficialmente incorporado à colônia portuguesa da América. A partir de 1727 (Neiva Coelho, 2001), também sob a pretensão da prática de exploração aurífera que ocorreria anos depois. No entanto, é sobre todo esse processo de ocupação e transformações urbanas desenvolvidas lentamente, que tem ocorrido uma mediação entre as ambivalências e contrariedades que tencionam dois mundos e duas visões (Françoise Choay, 2001). Nesse caso específico, de um lado houve a visão de um mundo que articula e põe em prática uma política de expansão de seus domínios, sobre um território em processo de colonização, com a ocupação e o desenvolvimento inicial do tecido urbano[[3]](#footnote-3), observado atualmente, como parte do resultado iniciado com a exploração aurífera. Porém, há também outro mundo, que acontece sob a visão de quem recebe essa política de expansão e o processo inicial não só de ocupação, mas também de desenvolvimento em território goiano. Portanto, entre ocupação e expansão territorial, há uma arquitetura produzida que se alinha aos moldes urbanos do século XVIII, onde os edifícios de certo modo vão moldando as ruas tortuosas, compondo assim a paisagem atual observada. Contudo, sobre esses dois mundos e essas visões, assim que identificados, por elementos que condicionam à leitura de espaço e tempo na cidade, sob premissas de um olhar análogos aos “modos de ver”[[4]](#footnote-4) a partir do que descreve John Berger (1999), tem auxiliado nos registros fotográficos, como um instrumento da memória documental (Philippe Dubois, 2004). Utilizado para realizar recorte de espaços em um tempo que revela modificações edilícias, sob a prática de caminhar pelas ruas do centro histórico da cidade em questão, é perceptível a apresentação de características morfológicas de origem portuguesa (Manuel Teixeira, 2012). Dispostas no traçado irregular da cidade, em que as construções encontradas no trajeto entre a Igreja Nossa Senhora do Rosário e a Igreja do Bonfim, situada mais à leste deste ponto de partida, também apresentam tipologias construtivas, que surgiram no decorrer do no século XVIII, porém diferentes da que segue na próxima imagem.

Figura 02 - Processo de transformações na arquitetura.

Foto: Gledson Nascimento

Ano: 2021

Ao observar a figura 02, identifica-se uma construção que não apresenta mais os aspectos de rusticidade em sua arquitetura, tal como ocorrido no processo de formação inicial da cidade, com o histórico dos interesses de expansão dos domínios da Coroa Portuguesa. Entre outras observações, identifica-se que não apresenta mais traços de uma construção vernacular, pelo fato de não representar, como em outras situações um processo sobre o “saber fazer decorrente do conhecimento próprio da comunidade” (Carlos Lemos, 1989, pp.9). Mesmo porque sua composição arquitetônica carrega traços de modernidade[[5]](#footnote-5), enfatizado pelo formato da cobertura, assim como a utilização de telhas francesas na construção posterior à fachada, em substituição às telhas de capa e bica. Há ainda, outros materiais utilizados, no fechamento em tijolos maciços, assim como também o uso de vidros nas janelas. Outras observações de algo que sobrepõem as construções do século XVIII, compreendem os recuos, lateral e também frontal, certificando que tratam-se de características de implantação do século XIX. “Pois o desenvolvimento deste processo constitui a evolução da implantação da arquitetura urbana” (Reis Filho, 1978, pp.17), em territórios com essas características de espaço, tempo e também de materiais.

Outra modificação mais recente se observa na ampliação da cobertura à esquerda, onde seu plano desce um pouco mais que o do lado oposto, quebrando a simetria da fachada. Tal modificação foi realizada justamente para servir de anexo, onde estão expostos artefatos decorativos, oferecidos aos turistas que transitam pelas imediações do Largo do Rosário. De toda forma, essa construção retrata uma arquitetura que desempenha atividades comerciais, típicas da cidade histórica, representando uma providência para fonte de renda de moradores locais que dependem do turismo.

Portanto, há nesse contexto arquitetônico, uma atitude de renovação, típica a que ocorre com o ecletismo, quando ancorado a um pensamento ou na compreensão de uma atitude decorrente de premissas da modernidade. Tal atitude renovada foi transcrita para as construções, marcando o centro histórico das cidades do período colonial. Da mesma forma, ocorre também em Pirenópolis, com a incidência de renovação, como um espírito Eclético na arquitetura (Jaqueline Pedone, 2005), sobretudo com o modo que ocorre a “conciliação de materiais como um veículo estético eficiente para a assimilação de inovações tecnológicas de importância” (Reis Filho, 1978, pp.169).

No caso em questão, essas inovações construtivas também podem ser conferidas pelo que se vê na cobertura das edificações análogas à imagem da figura 02, já com “duas águas que correm para as laterais como nos chalés ou com uma implantação que apresentam afastamento das laterias” (Reis Filho, 1978, pp.51), como um novo recurso, que reverberam também em território goiano, diferente dos moldes de período colonial, já com a interferência modificadora do Ecletismo. Porém, tal caráter se diferencia do historicista, em que “o Ecletismo depende da forma dos estilos históricos para se transformar em emblemas de idéias associadas às culturas que os produziram” (Allan Colquhoun, 2004, pp.28). No entanto, tal construção é modernizante, pois com a interferência do Ecletismo em algumas construções, podem ser encontradas, por entre as ruas consideradas eixos estruturantes de Pirenópolis, diferenças entre o período colonial. Assim, rompem com os padrões vernaculares presentes na arquitetura de outras edificações no mesmo território, como pode ser observado na figura 03, ao ser comparada com a imagem anterior.

Figura 03 – Trecho da rua do Bonfim.

Foto: Gledson Nascimento

Ano: 2021

Além de atender a uma comparação com a figura 02, a imagem da figura 03 atende também a uma maneira de propor, direção interpretativa através de premissas sobre visualidades, envolvendo tanto o tempo quanto o espaço no centro histórico da referida cidade. Considerando os edifícios que fazem referência ao século XVIII e suas transformações, podem ser vistos, além de contrastes, uma identidade imagética que representa a tradição construtiva luso-brasileira.

Pelo observado, por vezes não perdem as características vernaculares por completo, uma vez que há construções do centro histórico que foram construídas com a mesma tipologia mostrada na figura 03. Porém com modificações nas fachadas, mostrando a ocorrência de várias camadas que foram modificando alguns elementos do passado em sua arquitetura.

É sobre esse modo de construir entendimentos que a figura 03 mostra no seu primeiro plano, uma edificação situada em uma das esquinas em um ponto médio da Rua do Bonfim. Nessa imagem, há uma construção com composição arquitetônica, diferentemente da figura anterior, em que podem ser conferidas outras características, entre elas, a implantação que não apresenta recuos, frontal ou lateral. A cobertura também mostra diferenças, com telhas de capa e bica e os beirais que são alinhados ao sentido do arruamento onde se encontra. Além de possuírem coloração com tonalidades variadas pela incidência da ação do tempo, os elementos cerâmicos também mostram que não possuem encaixes sistematizados. Assim como os que foram produzidos por um processo industrial, tal como nos padrões de produção diferentes dos que haviam no século XVIII.

No entanto, se assemelham aos da grande maioria dos exemplos do período de formação inicial do território em questão. Assim, mantém com os vizinhos “o contato entre as paredes exteriores como ocorriam nas residências coloniais” (Reis Filho, 1978 pp.158). A mesma imagem ainda mostra como resultado do recorte de espaço e tempo realizado por um “ato fotográfico” (Philippe Dubois, 2004), uma quantidade de janelas com uma irregularidade que impede um resultado simétrico, padronizado. Embora seja típico das construções realizadas sobre os efeitos do sabe fazer da comunidade, mas mostram a utilização de vidros, mesmo que estes só viriam aparecer com o advento de novos materiais. Produzidos por processos de industrialização, ocorridos com a Revolução Industrial que clareou tudo Carlos Lemos (1989).

Nesse sentido, tanto os materiais de construção, quanto a implantação da edificação observada na figura 03, certifica-se que trata-se de um arquitetura erigida com as técnicas carregadas de rusticidade, portanto vernaculares. Entretanto, na mesma figura pode ser observada a Igreja Nossa Senhora do Rosário, que marca o plano posterior da imagem, como parte do recorte da paisagem. É nesse lugar que também encontra-se em um cota mais elevada o Largo do Rosário, caracterizando outra particularidade morfológica, comum às cidades de origem portuguesa.

Conforme descreve Manuel Teixeira (2004), cidades com essas características são organizadas em dois níveis, configuradas em “cidade alta” e “cidade baixa”, com funções diferentes quando considerado o processo de formação inicial de cada uma dessas duas localidades. Assim como ocorreu com o Arraial de Meia Ponte, onde as “especificidades do urbanismo de origem portuguesa”, se deram em meio às características da geografia do lugar, da seguinte maneira.

“A maior parte das cidades brasileiras corresponde às características de localização das cidades de origem portuguesa, desenvolvendo-se ou em situações costeiras, à beira de uma baía, ou junto a rios ou outros cursos de água. [...] As que se desenvolvem junto a rios situam-se geralmente em pendentes suaves. Os seus traçados - seja de cidades costeiras ou ribeirinhas - apresentam princípios idênticos. Uma e outra são variantes de um modelo mais geral. O ponto topograficamente dominante do território é ocupado [...], desenvolvendo em torno de si um pequeno núcleo construído. A uma cota mais baixa, ao longo do mar ou do rio, desenvolve-se por outro lado a primeira grande via estruturante da cidade. Em embrião surge-nos assim a estrutura característica destas cidades, constituídas por uma cidade alta e por uma cidade baixa” (Manuel Teixeira, 2004, pp.30).

Diante desses atributos, observa-se na região considerada como cidade baixa, a organização de atividades comerciais e, inclusive, ao longo dos rios. No caso de Pirenópolis, mesmo não se tratando de uma região de litoral, ocorrem princípios semelhantes, uma vez que no local retratado pela imagem da figura 03, encontra-se o Córrego do Prata, que segue para o do Rio das Almas. Ambos passam por lugares onde o processo de ocupação territorial ocorre com uma urbanização primitiva, às margens de ribeirões. Através disso, pode-se levar em consideração que “a urbanização primitiva iniciou-se com a concessão de datas mineiras, isto é, terrenos demarcados nas áreas auríferas e concedidos aos mineradores conforme o número de escravos que dispunham” (Adelmo Carvalho, 2001, pp.17).

Como o ocorrido também outras cidades brasileiras, durante o processo inicial de urbanização, as datas mineradoras ou lotes, foram se afastando dos leitos dos rios mas continuaram ocupando as regiões mais próximas, portanto foram se estabelecendo em lugares com cota mais baixa.

Atualmente, o local onde se encontra a figura 03 também está próximo ao Rio das Almas, onde ocorre a ocupação de atividades comerciais, também frequentado por banhistas que movimentam a cidade, ocupando as construções em terrenos que possuíam dois acessos. Entretanto, com o passar dos anos, foram sendo divididos passando a ser lotes distintos com acessos independentes, recebendo construções, como mostram as figuras 04 e 05, ainda na Rua do Bonfim.

Figura 04 – Edifício na Rua do Bonfim.

Foto: Gledson Nascimento

Ano: 2021

Tanto a construção representada na imagem 04 quanto a demonstrada pela imagem 05, apresentam várias camadas retratando a ocorrência de reformas, ora para manutenção de conservação, ora com intervenções que mudaram consideravelmente as referências em relação ao tempo de existência das mesmas. Como pode ser observado na imagem 04, há elementos nas portas e também nos portais, que mostram essa arquitetura como uma construção modificada. Com portas mais altas, substituem as janelas, também adaptadas para um comércio que tem variado suas atividades comerciais no decorrer dos últimos anos.

Já a figura 05, mostra a porta de acesso principal isolada, sem acesso externo direto, pela fachada, pois atende as instalações de ampliação de uma pousada, com acesso interno. Tal transformação mudou a sua atividade inicial, de uma residência local passou a hospedar turistas, porém sua camada de transformação não alterou tanto a construção quanto o ocorrido com a figura 04.

Figura 05 – Edifício na Rua do Bonfim.

Foto: Gledson Nascimento

Ano: 2021

Assim, é perceptível um processo de transformação, acionando os dispositivos do olhar e também da memória, por onde se caminha, ao chegar no extremo leste da Rua do Bonfim, onde a Igreja do Bonfim representa o final desse percurso. Observando que as edificações obedeceram e foram se distribuindo pela geografia de uma parcela desse tecido urbano, pode-se empreender “o caminhar como forma de intervenção urbana e errância como arquitetura da paisagem” (Paola Jacques, 2013, pp.7), que permite realizar a identificação de parte do patrimônio edificado, por entre as ruas e praças da cidade. Como ocorre em outras edificações, observadas pelo percurso realizado entre o ponto de partida, até a Igreja do Bonfim. Nesse caso, conclui-se que há uma certa semelhança formal, ao ser comparada com o primeiro edifício religioso observado, no início do percurso da rua do Bonfim, porém com uma escala menor, como mostra a figura 06.

Figura 06 - Igreja Nosso Senhor do Bonfim.

Foto: Gledson Nascimento

Ano: 2021

De todo modo, o olhar como um dispositivo que aciona a memória, e dessa vez, o imaginário também, identifica semelhanças que vão além de uma comparação sobre as particularidades arquitetônicas, entre as duas igrejas dispostas desse percurso realizado. Já que o entorno da igreja do Bonfim também possui a sua volta um outro Largo, porém em menores proporções e sem as edificações que representam relações de poder, exceto o religioso. Mesmo estando em uma cota mais elevada no final desse trecho, não apresentam as mesmas características que o Largo do Rosário. Então esta não poderia ser considerada como parte de uma região classificada como cidade alta, diante das afirmações de (Manuel Teixeira, 2004).

**Uma pausa para observar, a região considerada cidade alta em Pirenópolis**

Como descreve Manuel Teixeira (2004), considerando as premissas de uma “cidade alta”, nelas se organizam as representatividades dos poderes, tanto civil quanto religioso. Portanto, por meio de um olhar atual sobre o território em questão, observa-se a representação de um comércio ativo, podendo ser acrescentado como mais um dos poderes mencionados. Mesmo porque as atividades comerciais, que ocorrem sobre os estabelecimentos distintos, como pousadas, hotéis e residências, ocupam edifícios de importância para a historiografia e, graças às características locais, ainda narram parte do processo inicial de formação no decorrer do século XVIII.

É nesse lugar que se encontra a Igreja Nossa Senhora do Rosário, e consequentemente o Largo do Rosário, através dos quais as vias e edifícios com características luso-vernaculares dão origem às ruas Direita e Rua Nova. Ambas as vias fazem parte do processo inicial de estruturação da cidade, como eixos estruturantes ainda com evidências de um traçado medieval. Portanto, se já foram consideradas importantes portais de entrada da cidade, no passado, essas particularidades ainda se mantêm, uma vez que ainda representam as principais vias, pois estão conectadas às rodovias estaduais, tanto pela GO 225, quanto pela GO 338.

Nesse sentido, a Rua Direita representa mais que um eixo ordenador, pois ela exerce também um valor semântico, pelo fato de repetir funções parecidas em outras cidades do período colonial brasileiro, com semelhante importância e localização estratégica. Uma vez que é encontrada em outras povoações portuguesas, onde em geral faz a ligações com as entradas principais da cidade (Fernando Monteiro, 1985), que se desenvolveram com constante circulação de pessoas (Manoel Fernandes, 1991). Pelo observado entre as ruas da cidade alta, em Pirenópolis, não ocorreu de maneira diferente, o que fez com que na Rua Direita recebesse o Cine Teatro Pireneus, observado em duas versões diferentes nas figuras 07 e 08.

|  |  |
| --- | --- |
|  |  |
| Figura 07 – Cine-Teatro Pireneus, 1930  Fonte: [www.pirenopolis.tur.br/multimidia](http://www.pirenopolis.tur.br/multimidia) | Figura 08 – Cine-Teatro Pireneus  Fonte: Gledson Nascimento  Ano: 2021. |

Como um lugar de importância na cidade alta, a Rua Direita se instala como mostra a figura 06, o Cine Teatro Pireneus, inicialmente só com a função de teatro, o edifício apresenta uma “fachada composta por elementos Neoclássicos” (Carvalho apud Oliveira, 2004, pp.135). Onde há, além da simetria, outras representações de arcos contornando as aberturas do pavimento térreo, pelos quais sobressaem volumes que sutilmente avançam das paredes o suficiente para identificar simulação de pilares, indo do frontão triangular na parte superior, até a parte inferior do edifício.

Já a imagem 05 enfatiza que a importância do lugar e também do edifício, fizeram com que ocorresse uma maneira de transformar o estilo anterior, então a arquitetura Neoclássica cede lugar ao Art déco (Adriana Oliveira, 2004), Influenciando, assim, outros edifícios vizinhos, tanto comerciais quanto residenciais, observadas em outros lugares da mesma via.

A Rua Nova, desde o século XVIII, também pode ser considerada como outro eixo ordenador da cidade, pois possui grande valor urbano desde o período de formação como núcleo urbano ainda como Arraial Meia Pontense. Para o momento, além de arquiteturas residenciais que se configuram à construções luso-vernaculares, no caso da imagem que segue, para o momento guarda parte da memória da cidade como um museu[[6]](#footnote-6) particular.

Figura 09: Museu Família Pompeu de Pina, Rua Nova

Foto: Gledson Nascimento

Ano: 2021

Embora encontra-se fechado para visitação, ao ser visto por fora, observa-se que o estado de conservação do edifício permite identificar elementos que podem ser conferidos como artefatos que agregam a memória, assim como mais um “componente vernacular” (Manoel Teixeira, 2012).

Assim, a construção se mostra desde a sua base em pedras encaixadas, com atenção e técnica para exercer função de fechamento, abaixo dos baldrames. Ou como contenção para o aterro que recebe o contra piso e a aplicação de mezanelas, mesmo com alguns pequenos vãos, decorrente das irregularidades das rochas encontradas na região, cobertas por pátinas que registram a ação do tempo. As aberturas com esquadrias em madeira entre marcos e ombreiras, observadas nas janelas com folhas em venezianas distinguindo o público do privado, separam o acesso visual dos observadores em uma implantação que também se alinha à rua. Desse modo, conclui-se que o que tem sido encontrado na região análoga às considerações sobre cidade alta, além de mostrar as características arquitetônicas dos edifícios em uma parte da cidade relacionada aos diferentes poderes locais. Também conduzem aos processos de reconhecimento para repensar a cidade, tanto sobre os aspectos morfológicos que se adequam ao território em questão, quanto às particularidades construtivas encontradas entre as ruas visitadas. Promovendo um ato de reestruturar a cidade, com a finalidade de construir o passado através do presente, por meio de uma perspectiva atual, sobretudo a partir da mediação que decorre do olhar do observador, considerando “o caminhar como uma forma de arte ou a própria prática estética”, sob o efeito de “ações empíricas muito específicas” (Paola Jacques, 2013, pp.7).

Tais especificidades aparecem de maneiras diferentes, quando se consideram as semelhanças que ocorrem na “Rua Nova”, assim como na “Rua Direita”, ao comparar com a Rua do Bonfim. A Rua Nova e a Rua Direita estão em uma região mais plana, que possibilita o alinhamento das construções implantadas às ruas irregulares da cidade, percebendo de maneira imediata quando há uma manifestação arquitetônica que difere das demais.

Já na região com maior variação topográfica ocorre outra experiência, pois a geografia do lugar propõe outro tipo de observação, onde se vêem elementos que dividem a paisagem do centro histórico de Pirenópolis em diferentes planos. Dessa forma, revela-se por entre as residências, edifícios religiosos, largos, praças e a arborização local, a composição de um conjunto arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico. Todos esses elementos constituem o patrimônio edificado da cidade, que nutre como dado historiográfico o tema da pesquisa em curso.

**BIBLIOGRAFIA**

Berger, John (1999). Modos de Ver. Rio de Janeiro: Rocco.

Careri, Francesco (2013). O caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gill.

Carvalho, Adelmo. (2001). Pirenópolis, Coletânea 1727-2000: história, turismo e curiosidades. Kelps.

Choay, Françoise (2001). A alegoria do Patrimônio. São Paulo: Editora UNESP.

Coelho, Gustavo Neiva. (2019). O ecletismo na arquitetura de Vila Boa. Goiânia: Editora Trilhas Urbanas.

Coelho, Gustavo Neiva. (2001). O Espaço urbano em Vila Boa: entre o erudito e vernacular. Goiás: Ed. da UCG.

Colquhoun, Allan (2004). “Três tipos de historicismo”, em Modernidade e tradição clássica: ensaios sobre arquitetura 1980-1987. São Paulo: Cosac & Naify.

Dubois, Philippe (2004). O Ato Fotográfico e outros ensaios. Campinas: Papirus.

Feitosa, Paula Sottomaior. (2006). Estudos preliminares sobre a oferta de preparações regionais em restaurantes localizados no centro histórico da cidade de Pirenópolis-GO. Monografia (Curso de Especialização em Gastronomia e Segurança Alimentar) - Universidade de Brasília.

Fernandes, José Manuel (1991). A Arquitectura. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Jacques, Paola Berenstein. (2013). O grande jogo do caminhar. Em: F. Careri (Eds.), *Walkscapes*: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili.

Macedo, Silvio. (1996). Paisagem, lotes e tecidos urbanos. Em: Paisagem e Ambiente: Ensaios/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: FAU.

Menezes, Marcos Antônio de. (2018). Goyaz Urbano na primeira metade do século XIX: imagens dos viajantes. OPSIS, 18, 254-268.

Monteiro, Fernando. (1985). A velha Rua Direita. Rio de Janeiro: Museu e Arquivo Histórico do Banco do Brasil.

Palacin, Luís (1994). O século do ouro em Goiás. Goiânia: UFG.

Pedone, Jaqueline. (2005). O espírito eclético na arquitetura. Arqtexto, 6, 126-137.

Reis Filho, N. G (1978). Quadro da Arquitetura no Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva.

Teixeira, Manoel (2012) A forma da cidade de origem portuguesa. São Paulo: Editora Edusp.

Teixeira, Manuel (2004). A construção da cidade brasileira. Lisboa: Horizonte.

1. “um dos principais arraiais datados de meados de 1731” (Marcos Menezes, 2018, pp.256) [↑](#footnote-ref-1)
2. (Francesco Careri, 2013) [↑](#footnote-ref-2)
3. Entende-se como “tecido urbano, um conjunto organizado formalmente dentro das quadras e destas entre si onde há uma malha que enredeia a composição formal dos tecidos urbanos [...] que identificamos. Com suas quadras, espaços livres de edificação e de arborização, com suas casas e certamente uma unidade paisagística urbana”. (Silvio Macedo,1997, pp.13). Sobretudo iniciada no período colonial. [↑](#footnote-ref-3)
4. Os “Modos de ver“ descritos por Berger nesse caso, estendem-se às considerações que podem haver no olhar de quem traz referências sobre as manifestações arquitetônicas encontradas no centro histórico de cidades surgidas no século XVIII. Com a identificação de elementos na composição arquitetônica dos edifícios preservados e também modificados. Envolvendo as formas, a função, os materiais utilizados na cobertura, no fechamento, nas esquadrias e também em sua implantação sobre um urbanismo minerador. Então, trata-se de um modo de ver a partir de um olhar emancipador, na arquitetura que atravessou séculos, estruturando e ordenando os espaços da cidade com traçado medieval em território goiano. [↑](#footnote-ref-4)
5. “A partir de então, modifica como novos edifícios residenciais que passaram as ser implantadas muito mais ligadas aos conceitos ecléticos do século XIX do que no período anterior” Neiva Coelho, (2019, pp.49) [↑](#footnote-ref-5)
6. “Museu da Família Pompeu: construído no século XIX pelo comendador Joaquim Alves de Oliveira, atualmente está fechado, sua última atividade ocorreu como um museu histórico regional onde se encontram fotografias, peças, jornais e instrumentos que relatam parte da história da cidade”. Sottomaior Feitora (2006). [↑](#footnote-ref-6)